

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL: UMA DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE UM TERMO INFLACIONÁRIO

Ulrike Schröder

Abstract

Although the term intercultural communication becomes more and more important in scientific discussion originated in distinct areas which are interested in intercultural research, a theoretical and epistemological foundation conceptualizing the term in an appropriate way and considering an analysis of its constitutes rarely can be found. Therefore, first, the term in question is deconstructed by asking for a reasonable understanding of culture and communication. Subsequently, the term will be reconstructed according to the conclusions made, focusing on the question to what extent it might be really possible to talk about a strict delimitation between intracultural and intercultural communication.

Key words: Intercultural communication, intracultural communication, culture. Individual world theory, contextualization cues.

1. INTRODUÇÃO

Embora o termo *comunicação intercultural* esteja cada vez mais presente em estudos no campo da comunicação, sua definição continua sendo vaga e circular. Por exemplo, no prefácio do *Handbook of International and Intercultural Communication*, o termo é definido como uma interação que envolve “face-to-face communication between people from different national cultures” (Gudzkunst & Mody, 2002: ix). Ora, aqui os termos básicos que compõem a noção *comunicação intercultural* reaparecem na própria explicação como explicação.

Outras definições apontam outro problema crucial que muitas tentativas de delinear o termo envolvem. Segundo Rogers & Hart (2002: 1), estudos interculturais focalizam “forms of culturally *heterophilous communication* (communication that takes place between unlike individuals) and thus deal

with the difficulties that come with cross-border/culture communication”. Neste ponto, questiona-se a partir de que momento, então, um indivíduo torna-se “unlike” ao outro? A definição associa uma forte dicotomia entre comunicação intracultural e intercultural, e faz-se indagar se uma tal polarização poderia ser feita, sobretudo de forma tão implícita.

Ademais, encontra-se um grande número de versões que, seja de forma mais explícita ou implícita, ainda interpretam o processo de comunicação entre indivíduos de culturas distintas segundo o modelo transmissor (este inclui um emissor que envia uma mensagem e um receptor que a recebe), estabelecendo, adicionalmente, uma idéia de *cultura* como um determinado estoque de códigos. Dessa forma, “intercultural communication occurs when a member of one culture produces a message for consumption by a member of another culture” (Samovar, Porter & Stefani, 1998: 48). Ou, ainda, produzindo de modo mais tácito a idéia de cultura como um depósito pronto que fornece o indivíduo com significados, comunicação intercultural é caracterizada como “a transactional, symbolic process involving the attribution of meaning between people from different cultures” (Gudykunst, 2002: 165). Barnett & Lee (2002: 270) a entendem como “involving the exchange of symbolic information between well-defined groups with significantly different cultures”. Aí, surge uma série de dúvidas: o processo de comunicação pode ser reduzido a um ‘intercâmbio’ de informação simbólica? São intenções que são aqui ‘troçadas’, ou seja, comunicação, de forma geral, representa um processo no qual indivíduos conferem significados, exclusivamente de modo *consciente*, a formas lingüísticas *para* transmití-los para o outro? Note-se que, especialmente na comunicação intercultural, o papel da comunicação não-verbal é enorme, como será demonstrado mais abaixo, e é exatamente este tipo de comunicação que ocorre em boa parte inconscientemente. Finalmente, o lado construtivo do interlocutor, que se torna ainda mais importante no encontro intercultural, é desconsiderado em tais concepções.

Destarte, a questão central a ser abordada em seguida será: como podem ser descritos os processos básicos que se encontram na comunicação intercultural a partir de uma descrição adequada do processo de comunicação em geral? Realmente existe uma diferença intrínseca entre comunicação intracultural e intercultural, como aparece nas propostas acima mencionadas? Com o intuito de buscar por uma resposta evidente e para evitar explicações superficiais e circulares, devemos, primeiramente, retornar para esclarecer os termos *cultura* e *comunicação*.

2. OS TERMOS EM QUESTÃO

2.1 Cultura

Superando uma noção de cultura unidirecional e até estática, o ponto de partida para uma interpretação mais dinâmica e recíproca de cultura constituiria uma visão construtivista: no seu desenvolvimento filogenético e a partir de acoplamentos estruturais¹ entre os participantes, comunidades de fala objetivam gêneros comunicativos e formam tradições de conferência de sentido, que, por sua vez, baseiam-se na institucionalização e em atos repetidos que servem para que não haja a necessidade de se redefinir objetivos e motivos novamente, pois são recorrências já comprovadas. Portanto, segundo essa visão, a realidade criada ou o conjunto de todos os *universos de sentido*² nos quais os participantes de uma comunidade específica se movem todos os dias radicam-se em contextos específicos de ações comunicativas. Devido aos pontos de vista diferentes dos quais homens diferentes atuam de modo comunicativo, também surgem construtos de realidade diferentes. Por conseguinte, *cultura*, por um lado, deve ser entendida como a respectiva soma específica de sistemas de relevância e de mundos de sentido criados primeiramente a partir da linguagem, mas, por outro lado, também deve ser vista como o próprio processo desta criação. Uma vez criados, estes mundos de sentido, por sua vez, estruturam e estampam também os conceitos de vida e as ações cotidianas dos participantes. Em suma, cultura é um processo recíproco: um processo de internalização, de externalização e de modificação de um mundo específico a partir de processos da comunicação que acontecem em locais concretos (Berger & Luckmann, 1967).

Uma tal interpretação do termo *cultura* tem a grande vantagem de poder superar o abismo entre a visão mentalista da antropologia cognitiva e a visão relativista da antropologia simbólica: enquanto Goodenough (1981) entende

1. Este termo recorre a Maturana, que fala de um domínio de comportamento consensual que nasce assim que dois organismos interagem durante um certo período, atuando, deste modo, como seletores de suas respectivas mudanças estruturais (Maturana, 1978: 42).

2. Este termo vem da fenomenologia construtiva do sociólogo e filósofo Alfred Schütz (1971), que analisa o nosso mundo da vida (*Lebenswelt*) não como uma realidade objetiva, mas como uma realidade interpretada e já válida intersubjetivamente. Realça, assim, que as interpretações do mundo são geradas simbolicamente dentro das interações sociais, desdobrando dessa forma uma perspectiva comunicativa ao mundo social. Por isso, também não vivemos simplesmente em um uni-verso fixo, mas sim, em multi-versos, cada um marcado por um outro estilo epistemológico.

cultura meramente como o *conhecimento* sobre a atuação cultural adequada, o que reflete a idéia de uma *gramática cultural*, Geertz (1983) dirige sua atenção exclusivamente ao momento desconsiderado por Goodenough: segundo ele, cultura situa-se na esfera pública e realiza-se nas ações dos seus participantes. Seguindo a versão construtivista, cultura implica em dois fatores: o conhecimento e sua realização na interação.

Tal compreensão dinâmica de cultura também serve como base para a análise do comunicólogo Jens Loenhoff (1992: 144-168), que desenvolve um conceito triádico da cultura no qual três dimensões interagem: dentro da dimensão criadora de sentido, cultura serve como sistema de significados ou de padrões de interpretação em relação a problemas atuais. Nesse sentido, cultura é condição da comunicação. A dimensão material corresponde aos artefatos que se tornam portadores de sentido e significado. Assim, ela destaca o lado resultativo da cultura. Enfim, a dimensão pragmático-situativa refere-se à possibilidade de criar orientações em comum por meio da cultura. Nisso, numa situação concreta, recorre-se a uma rede de significados para constituir um processo de comunicação, no qual elementos culturais são negociados reciprocamente na prática atual. Destarte, a definição de Loenhoff compreende todas as três funções de cultura: cultura como condição da comunicação, cultura como resultado da comunicação e cultura como constituída dentro da prática comunicativa.

2.2 Comunicação

Em seguida, são esboçadas duas teorias que coincidem com essa visão de cultura por romper com a idéia unidirecional do processo de comunicação, integrando e focalizando de forma distinta o papel construtivo do interlocutor. O ponto de partida do comunicólogo Gerold Ungeheuer (1987) reside na comunicação falha, ou seja, para ele é até mais provável que comunicação falhe do que obtenha sucesso. Segundo ele, já dentro de apenas uma comunidade de fala, o sucesso da comunicação não é garantido, pois os panos de fundo dos participantes envolvidos nunca correspondem totalmente. Para explicar sobre o processo de comunicação válida para qualquer situação na qual pelo menos dois indivíduos participam, Ungeheuer introduz os termos *ação interior* e *ação exterior*, dirigindo-se às condições antropológicas do ser humano: pessoas fazem experiências interiores e exteriores. Enquanto os últimos também são acessíveis a outros, os primeiros, como, por exemplo, percepções, sentimentos, conhecimento, apenas podem ser experi-

mentados subjetivamente. Para o processo de comunicação, isto significa a necessidade de uma transformação de ações interiores em ações exteriores, o que automaticamente representa um procedimento elíptico. Ora, cabe ao ouvinte interpretar hipoteticamente o entendido de acordo com sua própria “individuellen Welttheorie”³ (Ungeheuer, 1987: 308), isto é, cada homem passa por experiências individuais que compõem sistematicamente uma teoria individual e dinâmica sobre o mundo. Como experiências interiores apenas podem ser comunicadas por ações exteriores, necessariamente, sempre continua uma incerteza quanto à questão, se e até que ponto a comunicação foi bem sucedida. Destarte, Ungeheuer opõe-se ao modelo clássico da transmissão da informação, no qual o ouvinte é visto como recipiente passivo de mensagens e proporciona um papel ativo a ele, uma vez que o trabalho de compreensão é uma ação interior:

Das Verstehen einer sprachlichen Äußerung bedarf aber in jedem Falle einer eigenen, geistigen Aktivität des Hörers; indem er an Wissens- und Erfahrungsstücke seines bisherigen Lebensbereiches erinnert wird, konstruiert er selbst in seinen Gedanken und Vorstellungen das, was man den Inhalt, den Sinn, vielleicht die Nachricht der vom Sprecher produzierten Äußerung nennen kann. Er ist also nie nur Empfänger, der etwas zugeschoben bekommt und dann besitzt, was er erhalten hat; das Verständnis der Rede des anderen ist Ergebnis seiner eigenen Arbeit, das er, angeleitet durch die Formulierung des Sprechers, erreicht. (Ungeheuer, 2004: 16)⁴

Por isso, comunicação, de modo geral, é falível. Por causa dessa falibilidade *per se*, os participantes aplicam certos mecanismos para verificar se a comunicação será bem sucedida. Mas cada comunicação que controla o sucesso da comunicação principal é submetida aos mesmos critérios e problemas que já tornaram a precedente em uma operação insegura (Ungeheuer, 1987: 320).

Na perspectiva do sociólogo Niklas Luhmann (1999: 194-204), a intenção como constituinte crucial do processo de comunicação, ainda presente de forma rudimentar na abordagem de Ungeheuer, desaparece totalmente. Para ele, comunicação é vista como a realização de três sele-

3. “teoria individual sobre o mundo”

4. “Mas, em todo o caso, o entendimento de um enunciado lingüístico necessita de uma atividade mental própria do ouvinte; sendo lembrado em elementos do conhecimento e da experiência na vida até agora, é ele que, nos seus pensamentos e imaginações, constrói aquilo que se pode chamar o conteúdo, o sentido, talvez a mensagem do enunciado produzido pelo falante. Então, ele nunca é apenas recipiente que recebe algo e, depois disso, possui algo que recebeu; o entendimento do enunciado do outro, que ele alcança pela estimulação da formulação do falante, é resultado do seu próprio trabalho.”

ções: a da mensagem, a da informação e a da compreensão. Desse modo, como Ungeheuer, Luhmann substitui a idéia da comunicação como ação unidirecional, encaixando as três seleções adicionalmente em dois acontecimentos, declarando que apenas este conjunto constitui o que podemos chamar *comunicação*: o segundo acontecimento entende o primeiro como uma contribuição da comunicação por observar o primeiro, diferenciando entre informação e mensagem e escolhendo um lado dessa diferença como pretexto para a escolha de uma conduta associada; estabelece-se, deste modo, a compreensão como o próprio pressuposto da continuidade da comunicação. O lado da informação serve como ponto de partida para a continuidade da comunicação assim que a declaração seguinte referir-se ao conteúdo daquela anterior, e o lado da mensagem torna-se relevante quando a declaração se refere à forma ou aos motivos da mensagem. Comunicação nasce somente se uma tal diferenciação se transforma em uma operação que a manifesta. O ponto decisivo neste modelo é a atenção que Luhmann dirige ao problema da contingência dupla, que se refere ao fato de que os participantes operam de modo autopoiético por serem fechados em si, sendo assim, indetermináveis. Uma quarta seleção, isto é, aquela que decide se a oferta da comunicação é aceita ou rejeitada, não entra diretamente no conceito da comunicação, pois o que conta é apenas que *algo* é entendido: isto assegura a continuação da comunicação.

3. O CONJUNTO RESULTATIVO: COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Se, da forma ilustrada, já em nossa própria comunidade de fala experimentamos a inconstância do processo de entendimento por meio de tais assimetrias individuais, essa incerteza aumenta ainda mais assim que uma ação comunicativa entra no contexto comunicativo de uma cultura experimentada como alheia. Note-se que, de acordo com isto, a diferença entre comunicação intracultural e intercultural só pode ser uma diferença de grau: “Die Differenzen liegen vor allem im deutlicheren Hervortreten der Präsuppositionen, unter denen jeder Kommunikationsprozess steht”⁵ (Loenhoff, 1992: 14).

Por conseguinte, a reciprocidade das perspectivas que, mesmo nunca garantida, ainda é pressuposta tacitamente na própria cultura desaparece agora de modo mais sucinto. A diferença gradual resulta da relevância maior des-

5. “As diferenças estão, sobretudo, no ressaltar mais claro das pressuposições, sob as quais se encontra qualquer processo comunicativo.”

sas pressuposições porque divergem significativamente.⁶ Recorrendo a Ungeheuer, isto significa que o falante tem uma dupla tarefa: ele não apenas tem que transformar as experiências interiores em ações exteriores, mas também as ações exteriores na coesão da outra cultura, o que torna a comunicação ainda mais susceptível à falibilidade. Também o ouvinte é responsável por mais um passo: ele tem que encaixar a ação externa do outro no seu próprio contexto cultural e realizar sua ação interior baseando-se nessa classificação. No momento em que a ação do outro não puder ser interpretada de acordo com a própria teoria de mundo por não corresponder com os próprios modos de pensar, falar e atuar, os participantes da comunicação enfrentam-se com incompreensibilidade, distância, dúvidas e até auto-dúvidas quanto à própria competência ou quanto à do outro. Mas como Luhmann destaca, tais conseqüências raramente terminam o processo da comunicação como tal, pois, normalmente, estes fenômenos não são tematizados. A comunicação dada ou é compreendida conforme uma informação ou conforme uma mensagem; em todo o caso, o significado é atribuído por meio da própria teoria de mundo. Destarte, interferências pragmáticas causam problemas de compreensão, quanto à ação interior do interlocutor: elogios feitos no momento errado tornam-se uma tentativa de assédio sexual, o *Du* ao invés do *Sie*⁷ torna-se uma falta de respeito, e proximidade torna-se uma tentativa de encobrir ignorância. Mas, como mostrado anteriormente, qualquer segunda meta-comunicação, introduzida para corrigir os assim chamados ‘mal-entendidos’, uma vez percebidos e tematizados, submete-se aos mesmos riscos de falhar como a primeira comunicação.

6. Portanto, uma delimitação clara não existe. Especialmente o termo da *comunidade de fala*, aplicada e divulgada pela etnografia da comunicação, ilustra o problema de qualquer tentativa de uma delimitação entre comunicação intracultural e intercultural *per se*, pois, segundo este conceito, uma comunidade de fala – uma nação, um clube esportivo ou o movimento Hip Hop – pode ser definida geográfica, étnica, linguística, política ou situacionalmente em conformidade com a perspectiva do pesquisador em uma situação dada: “The essential criterion for ‘community’ is that some significant dimension of experience be shared, and for ‘speech community’ that the shared dimension be related to ways in which members of the group use, value, or interpret language” (Saville-Troike, 2003: 15). Contudo, um aspecto não pode ser negado: assim que o falante e o ouvinte pertencem a comunidades com uma língua materna diferente, a comunicação intercultural é caracterizada pela experiência dos dois como alheios já a partir dos dois códigos simbólicos divergentes.

7. O alemão estabelece uma dêixis social, diferenciando entre pronomes usados em contextos formais (*Sie*) e aqueles usados em contextos informais (*du, ihr*).

Para Luhmann, o ponto de partida da sua teoria de sistemas sociais forma o conceito da redução da complexidade que se refere à redução dos estados ou acontecimentos possíveis numa situação dada: por exemplo, no dentista, é certo que se pode desenvolver uma conversa sobre inúmeros assuntos, embora haja uma certa limitação daqueles que realmente acontecem. Quer dizer, dentro de um sistema social, sempre há menos acontecimentos permitidos do que no meio. Nesse sentido, cada sistema social constrói sua própria realidade. Ora, na comunicação intercultural, o ouvinte sempre se vê confrontado com uma certa tensão entre a alta complexidade cultural do outro e sua própria tendência de reduzir essa complexidade por encaixar as ações exteriores do outro em suas próprias categorias que servem a uma canalização aparentemente concludente.

John Gumperz tornou-se pioneiro no campo da comunicação intercultural, e, até hoje, oferece uma das teorias mais profundas conceitual, metodológica e empiricamente. Ele dedica-se a uma descrição mais abrangente da parte da compreensão num encontro intercultural e percebe a falta de uma perspectiva que considere o trabalho construtor do interlocutor nos estudos realizados na área da *etnografia da comunicação*. Por isso, Gumperz torna-se co-fundador de uma linha que retematiza, pelo menos em parte, a contribuição mental à interpretação: a *sociolinguística interpretativa*. Segundo ele, inferências na comunicação baseiam-se em *pistas de contextualização* (*contextualization cues*) (Gumperz 1982: 131). Estas pistas de contextualização são construtos dos interatores que criam o contexto da interação por meio das suas ações comunicativas. Dentro da coordenação recíproca da ação, os participantes indicam em uma situação concreta suas próprias definições da situação por meio de tais pistas. A elas pertencem, por exemplo, cinética e proxémica, prosódia (como altura, velocidade, ritmo, acentuação etc.), o comportamento do olhar, a colocação temporal como intervalos ou simultaneidade do falar, escolha de variantes e formulações linguísticas (Auer, 1986: 26). Com ajuda de tais pistas, esquemas do conhecimento sobre o pano de fundo são colocados à disposição, por meio dos quais os interatores, geralmente, criam um quadro de interpretação dividido dentro de uma situação dada. Porém, como as pistas de contextualização são adquiridas e convencionalizadas em contextos comunicativos da própria cultura e, por conseguinte, funcionam de forma natural sem serem questionadas, elas esquivam-se da condução consciente, tornando-se fonte de ‘mal-entendidos’ na comunicação intercultural. Em suas pesquisas, Gumperz observa o fenômeno da comunicação intercultural a partir de estudos sobre grupos culturais que compartilham a mesma língua materna, o que aponta mais uma vez à dificuldade de distinguir claramente entre comunicação intracultural e intercultural. Já constitui uma di-

ferença se um MC negro que mora na Bronx é chamado *nigga/nigger* por seu amigo ou por uma mulher branca e velha que mora em Long Island. As pistas da contextualização são outras e, com isto, os significados sócio-culturais variam, o que mostra como comunicação intercultural é um termo com margens opacas. O comunicólogo Volker Hinnenkamp (1989: 30) até destaca que formas de comunicação intercultural podem ser encontradas dentro de uma família, na qual o filho pertence a um movimento alternativo, enquanto os pais representam participantes típicos de uma geração conservadora. Além de uma forte contribuição da sociolinguística interpretativa, a abordagem dele é também influenciada pela tradição hermenêutica (Gadamer, 1965), que enfatiza o ato da interpretação e, com isso, o peso do interlocutor. Tal posição realça o modo como o outro é percebido no encontro intercultural: se os participantes se experimentam como alheios, já podemos falar que se trata de uma comunicação intercultural. De acordo com isto, para Hinnenkamp, o estudo da comunicação intercultural teria que se envolver, primeiramente, com a percepção e a hermenêutica do alheio, quer dizer, com o manejo de divergência cultural (Hinnenkamp, 1994).

Estendendo o conceito das pistas de contextualização, Günthner e Luckmann (2002) listam os inúmeros fatores que favorecem a experiência do outro como alheio dentro do processo de comunicação: quanto aos padrões comunicativos, encontram-se, por exemplo, meios prosódicos, elementos léxico-semânticos, meios fonológicos, estruturas sintáticas, a escolha das variantes da língua, figuras retóricas e meios mímicos e gesticos, que podem divergir e causar problemas na comunicação intercultural. Além disso, no nível situativo, observam-se elementos diferentes que se referem à interação contínua como, por exemplo, a mudança do falante e do ouvinte ou a constelação dos participantes, aspectos do ambiente comunicativo, da escolha dos atores e da relação entre os participantes (Günthner & Luckmann, 2002: 224-228).

Finalmente, como a quarta seleção mencionada por Luhmann traz à luz um aspecto interessante, pois, em comparação com outras teorias, como, por exemplo, as de Habermas ou Searle, para Luhmann, o ‘sucesso’ da comunicação não faz parte do processo em si. Para Luhmann, não importa o que é entendido durante a comunicação, o que conta é apenas, que, de tudo, algo é entendido: isto assegura a continuação da comunicação. Para tal, a diferença entre entender de modo certo ou errado perde sua importância central. Isto implica que o desencontro, ou seja, o assim chamado ‘mal-entendido’, tão onipresente na comunicação intercultural, está fora do processo de comunicação em si. A comunicação continua na maioria dos casos. Especialmente por isso, o que poderia tornar pesquisas empíricas sobre comunicação intercultural tão interessante seria a focalização da questão de como a comunicação

continua se reproduzindo de forma quase independente com base em pistas de contextualização e construções interpretativas completamente diferentes pelo lado dos interlocutores.

4. CONCLUSÕES

Partindo de um conceito de cultura dinâmico e de um conceito de processo de comunicação, na qual cada participante assume uma estrutura dupla de locutor e interlocutor e na qual, por conseguinte, o interlocutor tem um papel criativo e reconstrutivo, foi mostrado que a comunicação intercultural se distingue da comunicação intracultural apenas pelo grau dentro do qual os participantes se experimentam como alheios e não categorialmente. Nessa visão, cultura representa uma práxis recíproca e convencionalizada de normas e padrões de comportamento, de modo que ela assegura a habilidade de ação comunicativa dos seus participantes por estabelecer plausibilidade, regularidade, normalidade e previsibilidade. Sendo assim, para o observador ou pesquisador, a divisão entre comunicação intracultural e comunicação intercultural torna-se uma questão do problema focalizado por ele. Para os participantes na comunicação, comunicação intercultural é experimentada a partir do momento no qual eles não podem recorrer mais exclusivamente aos seus próprios padrões e às suas próprias normas de comportamento, mas sim, no qual “die kulturelle Systemhaftigkeit durch die Überschreitung der Systemgrenzen erfahren wird” (Bruck 1994: 345).⁸ Como, portanto, não é o processo comunicativo em si que constitui a diferença entre comunicação intracultural e comunicação intercultural, mas sim, as interpretações divergentes feitas por meio de pistas de contextualização em correspondência com a respectiva teoria do mundo dos participantes, o caminho para tratar dos problemas que resultam dessas discrepâncias somente pode ser aquele de uma conscientização e uma reflexão do sistema cultural do outro, mas também do próprio sistema cultural da orientação. Para tal, o participante deve sair do processo da comunicação corrente e assumir uma perspectiva observadora, ou seja, extracomunicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Auer, P. Kontextualisierung. *Studium Linguistik*, 19: 22–47, 1986.

Barnett, G. A. & Lee, M. Issues in Intercultural Communication Research. In: Gudykunst W. & Mody B. (Org.) *Handbook of International and Intercultural Communi-*

8. “a sistematicidade cultural é experimentada pela transgressão dos limites de sistema.”

- cation. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 2002, pp. 259-274.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. *The social construction of reality*. A Treatise in the sociology of knowledge. London: Allen Lane The Penguin Press, 1967.
- Bruck, P. A. Interkulturelle Entwicklung und Konfliktlösung. In: Luger K. & Renger R. (Org.) *Dialog der Kulturen – die multikulturelle Gesellschaft und die Medien*. Wien: Österreichischer Kunst- und Kulturverlag, 1994, pp. 343-357.
- Gadamer, H.-G. *Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Tübingen: Mohr, Siebeck, 1965.
- Geertz, C. *Local knowledge*. New York: Basic Books, 1983.
- Goodenough, W. H. *Culture, language, and society*. Menlo Park: Benjamin, 1981.
- Gudykunst, W. B. & Mody, B. *Handbook of international and intercultural communication*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 2002.
- Gudykunst, W. B. Intracultural communication. Introduction. In: Gudykunst W. (Org.) *Handbook of international and intercultural communication*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 2002, pp. 163-166.
- Gumperz, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- Gumperz, J. Sociocultural knowledge in conversational inference. In: Saville-Troike M. (Org.) *Linguistics and Anthropology*. Washington: Georgetown University Press, 1977, pp. 191-212.
- Günthner, S. & Luckmann, T. Wissensasymmetrien in interkultureller Kommunikation. In: Kotthoff H. (Org.) *Kultur(en) im Gespräch*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2002, pp. 213-243.
- Hinnenkamp, V. *Interkulturelle Kommunikation*. Heidelberg: J. Groos Verlag, 1994.
- Hinnenkamp, V. *Interaktionale Soziolinguistik und interkulturelle Kommunikation: Gesprächsmanagement zwischen Deutschen und Türken*. Tübingen: Niemeyer, 1989.
- Loenhoff, J. *Interkulturelle Verständigung. Zum Problem grenzüberschreitender Kommunikation*. Opladen: Leske & Budrich, 1992.
- Luhmann, N. *Soziale Systeme. Grundriss einer allgemeinen Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.
- Maturana, H. R. Cognition. In: Hejl P. & Köck W. K. (Org.) *Wahrnehmung und Kommunikation*. Frankfurt am Main, Las Vegas: Peter Lang, 1978, pp. 29-49.
- Rogers, E. M. & Hart, W. B. The histories of intercultural, international, and development communication. In: Gudykunst W. B. & Mody B. (Org.) *Handbook of International and Intercultural Communication*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 2002.

Samovar, L. A., Porter, R. E. & Stefani, L. A. *Communication between cultures*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1998.

Saville-Troike, M. *The ethnography of communication*. An Introduction. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

Schütz, A. *Gesammelte Aufsätze I*. Das Problem der sozialen Wirklichkeit. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1971.

Ungeheuer, G. *Sprache und Kommunikation*. Münster: Nodus Publikationen, 2004.

Ungeheuer, G. *Kommunikationstheoretische Schriften I: Sprechen, Mitteilen, Verstehen*. Aachen: Alano Verlag, 1987.

Doutora em Comunicação Social pela Universität Essen, Alemanha, 2003. Atuou como Professora Visitante e Leitora do DAAD/Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, de 2003 a 2006. Desde 2003, é Professora Adjunta na Faculdade de Letras dessa mesma instituição. schroederulrike@gmx.com